

HOJE

Desenhos de Natal

“O Meu Natal” é o nome da exposição patente na Casa do Tempo. Resultante de um concurso de desenhos alusivos ao Natal, no qual participaram os jardins-de-infância e as escolas do 1.º ciclo do concelho, na mostra não faltam as pinheirinhos, o Pai Natal, as renas nem os presentes.

“O Meu Natal”: Casa do Tempo, em Castanheira de Pêra. De terça a sexta, das 10h às 19h. Sábados e domingos, das 10h às 13h e das 14h às 18h. Até 21 de Janeiro.

Altos e beijos no jardim de Olga Roriz

DANÇA

“Jardim de Inverno”
de Olga Roriz
PORTO
Museu do Carro Eléctrico
Às 20h00
Bilhetes entre cinco e dez euros

“Jump-up-and-Kiss-Me”
PORTO
Teatro Carlos Alberto
Às 22h00
Bilhetes entre cinco e 15 euros

Neste fim-de-semana, a coreógrafa Olga Roriz despede-se do Porto. Trouxe-nos cinco espectáculos da sua carreira e, esta noite, remonta dois deles. Um é a sua mais recente criação, “Jump-up-and-Kiss-Me” (na foto), a única peça desta mostra que é remontada sem modificações no elenco ou na substância. Trata-se de uma apresentação apaixonada, mais uma vez marcada pelo assombro e tumulto que assalta corações, com corpos em palco muitas vezes acompanhados da palavra dita. De textos literários e lendas que surgem revigorados em movimentos, acordes e vozes. De um cenário completo para que os grandes amantes da história, como Tristão e Isolda, possam ter lugar para reincidir em desejos épicos ou proibidos (será “Jump-up-and-kiss-me” um prenúncio do novíssimo “Pedro e Inês”?). Já o “Jardim de Inverno” é a re- vivescência de um trabalho a solo de Olga Roriz, feito há 15 anos, numa fase muito pungente da vida da criadora. Quando a peça estreou-se, Olga Roriz havia perdido o pai há apenas alguns dias. “Consigno, apesar de tudo, afastar-me desta memória má. Gostava, por isso, de o poder trabalhar nas melhores condições possíveis”, afirmou Olga Roriz ao jornal Duas Colunas. Contudo, a coreógrafa acredita que o palco instalado no Museu do Carro Eléctrico não proporcionará as mesmas condições que teve na estreia, em Rennes. Isso porque hoje terá apenas 25 metros de “estrada” – como chama uma língua enorme de linóleo, que se estende chão fora até lambar o público –, ao passo que no cenário inicial dispunha de 60 metros. “Mesmo a minha condição física já não é a mesma, mas também acho que tenho outra maturidade e vou conseguir fazê-lo melhor. Diferente, mas melhor. De certeza absoluta”, assegura Olga Roriz, para a felicidade dos portugueses.

■ ANDRÉLIA AZEVEDO SOARES

VIDAS DE SAL E ÁGUA

Partindo dos textos da autoria de Bernardo Santareno, o Círculo Experimental do Teatro de Aveiro (CETA) leva hoje a cena uma peça dedicada à faina marítima. “Entre a Terra e o Mar” aborda especificamente o tema da pesca do bacalhau, recorrendo à obra de Santareno, mas também a testemunhos de homens directamente ligados ao ofício.

O texto e a encenação estão a cargo de António Morais, a cenografia é de Serena Tavares e o leque de actores é composto por Manuel San- ches, Patrícia pereira, Elvira fernandes, Amândio Lau, Ar- lindo Silva, Américo Coelho, Lucy, Ana Paula, Catarino e João Tiago. “Entre a Terra e o Mar” é uma proposta inédita que assinala o encerramento da exposição temporária “Estética e Ideologia da Fai- na Maior”, patente no Museu Marítimo de Ílhavo desde 1 de Agosto de 2003.

Finda a sua missão no espaço ilhavense, o CETA leva esta produção até ao Centro de Artes da Figueira da Foz, no próximo dia 7 de Março, onde o espectáculo se irá desenrolar em articulação com a exposição de fotografia “Faina Maior”, de Aníbal Le- mos. ■ NUNO SOUSA

TEATRO

“Entre a Terra e o Mar”
pelo CETA
ÍLHAVO
Museu Marítimo
Às 21h00
Entrada gratuita



HOJE

Foto-arquitectura

A Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto apresenta "Memórias do Tempo e do Património Construído", exposição fotográfica da autoria do arquitecto António Menéres. Uma compilação da arquitectura portuguesa dos anos 50 e 60.

"Memórias do Tempo e do Património Construído". Do arquitecto António Menéres. Faculdade de Arquitectura da UP. De 2.ª a 6.ª (das 9h30 às 20h00). Entrada gratuita.

A CUMPLICIDADE ENTRE O JAZZ E O FADO

Parece que não há assim tantas dúvidas quanto isso. O jazz, a música latina, o fado e a música de raiz popular portuguesa têm algumas notas de afinidade que constroem uma certa cumplicidade. A tudo isto, junte-se ainda uma forte amizade. Os músicos Vitorino e José Carvalho provam que assim é num espectáculo que tem lugar hoje à noite, no Cineteatro António Lamoso, em Santa Maria da Feira, inserido no programa de animação da Festa das Fogaceiras, que tem o seu ponto alto amanhã, com a tradicional procissão.

"Recitais com Vitorino e Zé Carvalho" surgiu em 2002 e resulta de várias experiências musicais que ambos os cantores têm feito ao longo dos últimos anos, com a fusão do jazz, da música de raiz popular portuguesa e da música latina em pano de fundo. E assim viu a luz do dia um momento em que vários estilos musicais dão as mãos, sem qualquer tipo de problemas. E sempre à vontade.

Vitorino Salomé estreou-se com a inesquecível "Menina Está à Janela", cantiga que marcou a diferença no seu primeiro álbum, em 1975. Saiu do Redondo, Alentejo, para a capital, onde reafirmou o seu amor por Lisboa. Lua Extravagante, Rio Grande e Grupo de Cantadores do Redondo foram os projectos criados pelo cantor da boina preta que partilhou o palco com José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Fausto e Sérgio Godinho.

Músico, cantor, autor e compositor, José Carvalho arrancou com a carreira musical em 1976 e gravou algumas das canções da primeira novela portuguesa "Vila Faia". É a área do jazz que mais prende a atenção do homem das notas musicais que participou em vários festivais da RTP, com músicas de Pedro Osório e Paulo de Carvalho. ■ SARA DIAS OLIVEIRA

MÚSICA

Recitais com Vitorino e José Carvalho
SANTA MARIA DA FEIRA
Cineteatro António Lamoso
Às 21h45
Bilhetes a cinco euros



É um Tom Cruise alquebrado, vergado pelo peso da consciência, aquele que levanta o pano de "O Último Samurai". Mergulhado no pesadelo da massacre que impôs sem restrições à comunidade índia que gravitava nos Estados Unidos nos finais do século XIX, o capitão Nathan Algren (Cruise) não passa de uma sombra de si próprio, agonizando na expectativa de uma hipótese de redenção. Nada que um contacto com o Japão profundo, na sua vertente guerreira, não possa satisfazer.

Quer queiramos ou não, a verdade é que a possibilidade de ver o astro de Hollywood, que também produziu o filme, a arrastar-se na lama de uma existência precária é mesmo um dos aspectos mais interessantes da obra de Edward Zwick. Sobretudo se atentarmos na longa carreira do actor, sendo que teremos de recuar até "Nascido a 4 de Julho" para encontrar semelhante semblante de angústia. Quanto ao filme em si, pouco ou nada nos traz de novo. Não que haja demérito do realizador na forma como gere os momentos de tensão, não que os antagonismos culturais sejam menosprezados. Nem sequer a heroicidade do confronto bélico a razão da perda de fôlego de "O Último Samurai". O problema – que para muitos será eventualmente uma virtude – é que Zwick acciona demasiadas vezes o mecanismo dramático, empolando desnecessariamente o papel de uma minoria num contexto tão complexo como era o Japão do Imperador Meiji.

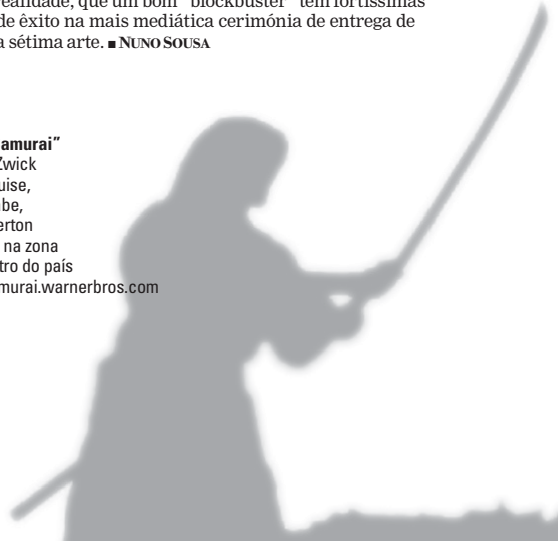
Valha-nos, apesar de tudo, a salvaguarda (pouco comum) dos interesses japoneses pela mão de um americano, embora expresse num remate forçado e demasiado previsível. Valha-nos a bem conseguida preservação da tradição rural nipónica, exponenciada por um prestigiante guarda-roupa (a "designer" Ngila Dickson quis reforçar o regresso às origens, recuperando os trajes guerreiros que os samurais usavam, não na data da acção do filme, mas em séculos anteriores). Uma palavra de apreço também para a cadência perfeita da montagem, mormente nos planos de combate, símbolo da garantia de forte realismo.

Pena é que, com a máquina de Hollywood bem oleada, esteja já em marcha a tentativa de levar a película em braços até aos Óscares. E este é, de facto, um mau sinal. Ou significa que o ano de 2003 foi infrutífero em matéria produtiva, ou, no pior dos cenários, e deverá ser esta a realidade, que um bom "blockbuster" tem fortíssimas hipóteses de êxito na mais mediática cerimónia de entrega de prémios da sétima arte. ■ NUNO SOUSA

CINEMA

"O Último Samurai"
de Edward Zwick
com Tom Cruise,
Ken Watanabe,
William Atherton
Em exibição na zona
Norte e Centro do país
<http://lastsamurai.warnerbros.com>

Tradição na ponta da espada



HOJE

Fado na igreja

Está a chegar ao fim a maratona Encontros de Música da Casa de Mateus que arrancou no dia 1 de Julho. Hoje é a vez de Kátia Guerreiro e João Ferreira Rosa: o fado na Igreja de Vandoma, em Paredes.

Encontros de Música da Casa de Mateus.
Igreja de Vandoma, em PAREDES. As 22h00.

Sugere muito, mas permite-nos ver pouco. É assim "Nathalie", o mais recente filme de Anna Fontaine. Um filme que joga os momentos decisivos nas entrelinhas, que apetrecha o espectador com o essencial de modo a permitir-lhe adivinhar o acessório, que descobre o momento que se anuncia sem chegar a concretizá-lo. Um exercício psicológico que diz (quase) tudo sem arriscar (quase) nada. E este quase é o da pergunta que nos impomos durante o decorrer da película, e que ameaça perpetuar-se mesmo depois de um desfecho com sabor a "déjà vu": será que o objectivo da estratégia de Ardant era mesmo salvar o casamento?

A resposta fica ao critério de cada um, mas aconselha-se a não apostar todos os trunfos nesta tese no atribulado decurso de "Nathalie", sob pena de se transformar um jogo de autopunição e sedução numa acção irremediavelmente inverosímil. Tudo porque o casamento de Ardant (num dos mais introspectivos papéis da carreira) e Dépardieu (renascido das cinzas) quebra todas as regras, vence todos os convencionalismos. Senão vejamos: Dépardieu representa o paradigma do marido infiel, enquanto Ardant veste o papel da mulher desesperada, disposta a ultrapassar fronteiras morais para reconstruir a relação (versão 1) ou (versão 2) para se reencontrar consigo mesma. A força motriz deste relançar de dados é, adivinhe-se, Nathalie, pois claro.

A deslumbrante Émanuele Béart surge mais despidorada que nunca, na pele de uma prostituta contratada por Ardant para seduzir o marido. A partir do primeiro segundo em que entra em cena, Nathalie assume-se como uma aliciante peça-chave de um jogo disputado num "plateau" que combina perversidade e insegurança. Passa,



Nathalie

Até onde era capaz de ir?

então, a ser a catalisadora de todas as dúvidas e inquietações, do desassossego de uns e do alívio encapotado de outros, catapultando o relacionamento do casal para um nível distinto. Aquele nível em que é difícil destrinçar os verdadeiros sentimentos que fervilham no interior de cada um.

Neste tremeluzir indecifrável da relação vem-nos à memória o ensaio de Kubrick em "Eyes Wide Shut", o toque angustiante da dúvida eterna, a indecisão que a cada desilusão se transforma prontamente em certeza e abala incondicionalmente um futuro a dois. No caso de "Nathalie", interrogamo-nos se esse devir de sonho alguma vez existiu ou se começa verdadeiramente no último fôlego do filme. ■ NUNO SOUSA

CINEMA

"Nathalie"

de Anna Fontaine

Com Fanny Ardant, Emmanuelle Béart e Gérard Depardieu

Em exibição no PORTO (Cidade do Porto)

e em V.N. GAIA (AMC Arrábida Shopping)

HOJE

Humor e desporto

Ao todo, são 226 os cartoons dos quatro cantos do Mundo que a sexta edição do PortoCartoon – Desporto & Sociedade apresenta no Museu Nacional da Imprensa. O humor como aliado do desporto.

"VI PortoCartoon – Desporto & Sociedade" Museu Nacional da Imprensa (Estrada Nacional 108, n.º 206), no PORTO. Todos os dias, das 15h00 às 20h00. Até 30 de Setembro. www.imultimedia.pt/museuvirtpress



Um assassino de pantufas

Um assassino em série, a mulher dele, a ex-mulher e um dentista paranóico. Em tom de comédia de domingo à tarde, "Falsas Aparências 2" relembra-nos o que de bom Bruce Willis (Jimmy Tudeski) trouxe na série "Modelo e Detective", agora no papel de um antigo matador por encomenda, a gozar os seus dias de reforma numa quinta onde as galinhas têm nome e a casa está meticulosamente aprumada. Mas será que está mesmo retirado da vida do crime? A resposta começa a surgir quando Oz (Matthew Perry), um aterrorizado dentista de Beverly Hills, cuja mulher, Cynthia (Natasha Henstridge), anuncia a sua gravidez pouco tempo antes de ser sequestrada pela máfia húngara. É aqui que termina a pacata vida de Tudeski "A Tulipa", obrigado a descalçar as suas pantufas com coelhinhos cor-de-rosa e a pegar de novo na espingarda.

Quem o força a sair da condição de morto para o mundo é o peculiar chefe mafioso Lazlo Gogolak (Kevin Pollak), que segue o amedrontado Oz até ao seu esconderijo. Gogolak passou muito tempo na prisão a pensar na melhor forma de se vingar de Jimmy Tudeski e de recuperar o seu dinheiro. Mas o antigo assassino em série tem um plano e, como seria de esperar num filme "ultra-light", tudo está bem quando acaba bem. O que ressalta deste "Falsas Aparências 2" é um Bruce Willis visivelmente mais magro no tradicional papel de durão, em contraste com um Matthew Perry com uns quilinhos a mais e paranóico do princípio ao fim, num filme de maus (uns menos maus do que outros) e no qual o crime acaba por compensar... ■ MÁRIO BARROS

CINEMA

"Falsas Aparências 2"

Com Bruce Willis, Matthew Perry e Amanda Peet
Em exibição em várias salas do Norte e Centro do país

OS VÁRIOS PERCURSOS DAS ABELHAS

As abelhas não são apenas responsáveis pela confecção do tão saboroso mel. Há séculos atrás, estes animaizinhos, aparentemente inofensivos e sem tamanho para amedrontar quem quer que seja, eram usados como autênticas máquinas de guerra. Bastava mandar o doce líquido para o lado do inimigo e depois soltar os enxames, que estes faziam o seu trabalho. Picada atrás de picada, inchaço aqui e ali, o adversário dava-se às dores.

Na altura do Império Romano, as abelhas eram bem tratadas. Construíam-se colmeias em bronze. Mas não era só neste território que se destacavam. Há abelhas representadas no brasão do Papa Urbano VIII e no manto de consagração de Napoleão I. No início de todos os tempos, a abelha era considerada como um dom celeste, devido ao mel que fabricava. E nos cânticos religiosos e profanos de quase todos os povos, do Oriente ao Ocidente, há frequentes alusões às abelhas e ao seu mel. Até os poetas da Antiguidade Clássica não se esqueceram delas nos seus tratados poéticos. Os naturalistas, agrónomos e poetas italianos também dedicaram páginas e páginas à cultura das abelhas e que ainda hoje são lidas com um particular interesse.

"A Apicultura e os Azulejos", exposição que o Museu de Ovar acolhe até ao final de Setembro, revela algumas particularidades desta arte. Trata-se de uma recolha de azulejos de diversos artistas que quiseram perpetuar a apicultura em quadrados de cerâmica. Os trabalhos expostos fazem parte do espólio do espaço ovarense. ■ SARA DIAS OLIVEIRA

EXPOSIÇÃO

"A Apicultura e os Azulejos"

OVAR

Museu

De segunda a sexta, das 9h30 às 12h30 e das 14h30 às 17h30; sábados, das 9h00 às 12h00

Até 30 de Setembro



HOJE

"Karaoke" no Labirinto

"Que aconteceria se alargássemos o repertório do 'karaoke' da música para o cinema? O que nos revelaríamos os seus praticantes?"

"Instalação audiovisual de Eduardo Barbosa e Juao Coração". Bar Labirinto, no PORTO. A partir das 22h30. Até 30 de Outubro.

DR



VEZES VINTE

Fundador do Modernismo português, ao lado de nomes como os de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros foi, é e, provavelmente, continuará a ser um dos maiores nomes de sempre da cultura nacional, tendo deixado rasto vultoso na pintura e nas letras. Controverso e extravagante, é certo, Almada foi autor de uma obra inapagável e que está solidamente ancorada no imaginário artístico nacional, sendo da sua autoria, por exemplo, o mais célebre dos retratos de Fernando Pessoa ou os frescos da Gare Marítima de Alcântara, em Lisboa.

Mostrada retrospectivamente em 1984 pela última vez, numa exposição organizada pela Gulbenkian, a obra do artista volta a estar visível, desta feita no Porto, na Cordeiros Galeria. Não se trata, está bom de ver, de uma mostra ampla e abrangente. Expostas estão apenas vinte obras originais. Todavia, trata-se de um espólio rico e diversificado, que abrange vários aspectos da produção plástica de Almada e cobre um período vasto, compreendido entre o ano de 1919 e a década de 1960 (o artista morreu em 1970). Do esboço simples dos desenhos iniciais à influência cubista e surrealista de algumas pinturas posteriores, passando por várias aguarelas mostrando "figuras de teatro", a exposição exhibe, assim, algumas das melhores declinações estilísticas de Almada Negreiros. ■ J.M.

EXPOSIÇÃO

Almada Negreiros
PORTO
Cordeiros Galeria (Rua de António
Cardoso, 170)
Até 30 de Outubro

"CROMO SAPIENS" NOS MAUS HÁBITOS

No "blog" do comediante Miguel Barros – www.cromosapiens.blogspot.com –, vemos que o artista já tem as malas prontas para viajar para o Porto. Está tenso, não sabe como o público portuense vai reagir ao espectáculo "Cromo Sapiens", que se estreia hoje no Espaço Maus Hábitos. A apresentação, tipo "stand up comedy", ao que tudo indica, será no mínimo reveladora: Miguel Barros promete "mostrar o material" e, confessa o actor na sua página pessoal, o instrumento em causa tem "24 centímetros em repouso". Estas e outras peripécias curiosas fazem deste espectáculo "o pior do mundo", nas palavras do próprio autor da obra. "Você não vai querer perder este fenómeno. Afinal, não é todos os dias que se pode assistir ao pior espectáculo do mundo. Venha ver, para depois poder contar aos seus netos", escreve ele no texto de divulgação do evento. "Cromo Sapiens", que conta também com a participação da actriz Susana Arrais, ficará em cartaz no Porto até 16 de Outubro. ■ ANDRÉIA AZEVEDO SOARES

STAND UP COMEDY

"Cromo Sapiens"
de Miguel Barros
PORTO
Espaços Maus Hábitos
Às 23h00
Bilhetes a cinco euros
www.miguelbarros.web.pt

Almada

HOJE

Chico César, desta vez em Aveiro

Depois de Coimbra e Lisboa, é a vez de Aveiro conhecer de perto, ao vivo e em formato acústico, a música de Chico César. O cantor e compositor brasileiro actua esta noite, no Teatro Aveirense, num serão dedicado a "Voz, Violão e Você".

Música. Chico César. Teatro Aveirense.
Às 21h30. Bilhetes a 17,5 euros (plateia) e 15 euros (balcão).

MOMENTOS "... DE AMOR E DE DOR..." ABREM ESTA 2004

Depois de um ciclo dedicado aos temas do multiculturalismo e da globalização, bem como da posterior abordagem das questões relacionadas com a cultura e a cidadania e com o amor enquanto pilar das relações humanas, são os "Rituais urbanos numa Europa em transformação" que chegam para dar mote à sexta edição do ESTA - Festival de Estarreja, que arranca hoje, naquele município.

A iniciativa do ACTO - Instituto de Arte Dramática recupera a configuração adoptada nas edições anteriores que lhe deram forma, incluindo, no programa que decorre até ao próximo dia 23, participações nacionais e estrangeiras. O ESTA, que nas suas duas primeiras edições garantiu uma variada panóplia de espectáculos de teatro, dança e música, bem como ciclos de vídeo e actuações de rua, arranca, esta noite, com uma exibição assinada pelo próprio ACTO.

A sugestão é para um momento concentrado "... de amor e de dor...", criado e protagonizado pela actriz Helena Botto. O primeiro capítulo do ESTA 2004 é assim alicerçado em textos de Al Berto e promete um turbilhão de emoções estridentes, irreflectidas, quase libertinas. A "performance" de carácter definitivamente intimista é marcada por uma rigorosa intensidade e foi desenhada para espaços e públicos de pequena dimensão. É então "... de amor e de dor...", a abertura do Festival de Estarreja deste ano, a partir das 20h50, no Bar Tomásia. O espectáculo, que passou recentemente por Aveiro, repete-se amanhã e sábado, sempre à mesma hora. ■ PATRÍCIA COELHO MOREIRA



rituais urbanos numa europa em transformação



"PERFORMANCE"

"... de amor e de dor...", pelo ACTO - Instituto de Arte Dramática
Festival ESTA 2004
ESTARREJA
Bar Tomásia
Às 20h50
Entrada livre

FIGUEIRA DA FOZ RECEBE CICLO DE CINEMA GALEGO

"Mamasunción", de Chano Piñeiro, e "A Lei da Fronteira", de Adolfo Aristarain, são os filmes que assinalam, esta noite, o arranque do Ciclo de Cinema Galego que decorre hoje e dia 21 no Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz.

Organizado em colaboração com a Xunta de Galicia, esta pequena mostra pretende dar a conhecer ao público um pouco mais da cinematografia daquela região espanhola que, apesar de tão próxima, continua, neste campo, ainda um pouco desconhecida.

A curta-metragem "Mamasunción", realizada em 1984 e que conta com as interpretações de Tia Asunción, Ogando Rodríguez, David de Liñares e Antón Casal Puga, segue-se, ainda hoje, a exibição do filme "A Lei da Fronteira", com Pere Ponce, Aitana Sánchez-Gijón, Achero Mañas. O filme debruça-se sobre a vida de Barbara, uma jornalista que, no início do século XX, parte em busca de um bandido conhecido como "El Argentino", na fronteira entre Portugal e a Galiza.

No segundo e último dia do ciclo, são exibidos no Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz os filmes "Que me Queres, Amor?", de Noemí Martínez e Patricia Esteban, e "Sempre Xonxa", realizado também por Chano Piñeiro. ■ ANA LUÍSA BARROSO

CINEMA

"Mamasunción", de Chano Piñeiro
"A Lei da Fronteira", de Adolfo Aristarain
Ciclo de Cinema Galego
FIGUEIRA DA FOZ
Centro de Artes e Espectáculos
Às 21h30
Bilhetes a 3,5 euros

HOJE

TENNESSEE WILLIAMS MEETS SARAH KANE

Coisas em comum entre Tennessee Williams e Sarah Kane: a língua, inglesa, e Armin Petras, o encenador alemão que juntou à esquina "Die Glasmenerie", do dramaturgo norte-americano, e "Zerbombt", da dramaturga britânica, e fez da soma destas duas peças um dois-em-um que é possível ver hoje e amanhã no Teatro Helena Sá e Costa. Segunda produção a entrar em cena no PoNTI'04 - estreou-se ontem, um dia depois da abertura do festival, com "Figurantes" -, "Die Glasmenerie"/"Zerbombt" marca a estreia em Portugal de Armin Petras, um dos mais interessantes protagonistas da actual paisagem teatral alemã. Comissário do espaço Shmidtstrasse 12, a zona reservada às novas dramaturgias que funciona como anexo do Schauspiel Frankfurt, Armin Petras é também um dos mais cínicos e desconcertantes encenadores da actualidade, capaz de fazer "kitsch" com a nostalgia de Tennessee Williams e o nihilismo "white trash" de Sarah Kane. Pode ser para rir e pode ser para chorar - Petras é suficientemente ambíguo para permitir que os espectadores construam a moral das histórias.

Da agenda do PoNTI '04 para hoje constam ainda mais duas alíneas: o espectáculo "La Scimia", produção da Compagnia Sud Costa Occidentale estreada em Setembro na Bienal de Veneza (ver PÚBLICO de ontem), e a apresentação, em formato performance-instalação, dos resultados do atelier de cenografia orientado pelo húngaro Csába Antal. Sinopse: oito cenógrafos portugueses apresentam as suas propostas de leitura da ópera "Intoleranza 1960", de Luigi Nono. Para ver na Casa das Cidades do Teatro (Maus Hábitos), ao final da tarde. ■
INÊS NADAIS

TEATRO

PONTI '04/XIII FESTIVAL DA UNIÃO DOS TEATROS DA EUROPA
"Die Glasmenerie", de Tennessee Williams + "Zerbombt", de Sarah Kane, pela Schauspiel Frankfurt. Encenação de Armin Petras
PORTO
Teatro Helena Sá e Costa
Hoje, às 17h00; amanhã, às 21h30
Bilhetes entre cinco e dez euros

FOTOS MARCO MAURICIO



Ser poeta, afinal, não deve ser tarefa muito exigente. Bastará dizer árvore e anunciar as coisas da natureza, convocá-las para os sentidos de quem leia ou escute. Dir-se-á "erva das pampas". Dir-se-á cipreste. Casuarina Negra. Sequoia. Metrosídero. Cedro. Glauca. Palmeira. E isto já é um poema.

O outro lado Porto Jardim encantado

Não é aceitável ser poeta sem antes ter dito "hipericão", "nenúfar", "vibúrnio"; sem conhecer as coisas da terra e sem poder nomeá-las. No Jardim Botânico, entre tapetes de folhas secas, há palavras destas aos montes, que podem ser colhidas com os olhos, como flores da Primavera

JORGE MARMELO

Ainda lá estão. As grandes tílias, os carvalhos, as magnólias e os plátanos. Ainda os roseirais, os jardins de buxo e os "muros de camélias talhadas". Quase tudo como n"O Rapaz de Bronze", de Sophia de Mello Breyner Andresen, que por ali correu e brincou, como é costume fazerem as crianças antes de se tornarem poetas. Ainda as folhas amarelas da árvore-de-ponto, o enorme eucalipto da Tasmânia, os rododendros. E também muitas coisas que Sophia e Ruben A., meninos, não chegaram a ver.

Ser poeta, afinal, não deve ser tarefa muito exigente. Bastará dizer árvore e enunciar as coisas da natureza, convocá-las para os sentidos de quem leia ou escute. Dir-se-á "erva-das-pampas". Dir-se-á cipreste. Casuarina-negra. Sequoia. Metrosídero. Cedro. Glauca. Palmeira. E isto já é um poema. Com estrelícia, cogumelo e bordo-do-Japão temos mais um verso. Diga-se apenas medronheiro. Ou musgo. Role-se a palavra na boca como um seixo incorporado e eis a poesia. Dito de outra forma: não é aceitável ser poeta sem antes ter dito "hipericão", "nenúfar", "vibúrnio"; sem conhecer as coisas da terra e sem poder nomeá-las.

Os caminhos do Jardim Botânico estão semeados de palavras assim, que encham a boca e soam a música, que podem ser colhidas com os olhos como flores da Primavera. E estão também cobertos das folhas secas do grande carvalho-americano que se vai despindo para receber o Inverno. Folhas da árvore-do-âmbar, alta como um prédio, rija como um titã. Pétalas soltas da cameleira-chinesa. Agulhas do cipreste-de-Cartagena. Os passos crepitam no tapete vegetal, molham-se na vegetação rasteira e orvalhada aonde não chega este sol de Outono. O vento farfalha nas folhas que restam, liberta-as, lança-as no ar, brinca com elas. Quase não se escuta o ruído do trânsito.

Por trás do renque das japoneiras sem flor, para lá do roseiral sem rosas, há um jardim quase secreto. Tem muretes de xisto, chão de xisto e uma pèrgula de xisto. Xisto é também uma palavra-poema. Xisto. Jardim do xisto. À volta há medronheiros-do-Texas, hipericão-das-Canárias, uma árvore-de-casca-de-papel, uma acácia-prateada, estrelícias, uma árvore de coral. E, no centro do jardim de pedra, quatro taças circulares interceptando-se como se o xisto do chão tivesse sido um lago de águas paradas onde caíram quatro gotas de chuva, ou quatro pedradas: uma, duas, três, quatro, as ondas alargando-se até se encontrarem e deterem o tempo, petrificarem. Xistificarem.

Os quatro lagos de xisto têm água e em dois deles habitam nenúfares densos. Hão-de aqui morar também alguns húmidos batráquios que, nas noites frias, virão empoleirar-se nas aquáticas folhas para entoar um cântico áspero. Talvez alguns anjos venham escutar o concerto, talvez uma libélula-menina de tez rosada fique pairando junto à pèrgula, no canto onde um fio de água desce de taça em taça, escorrendo pelas barbas do musgo negro. Mesmo o rapaz de bronze saltará das páginas de um livro antigo e virá sentar-se no murete, quieto e calado, ao invés dos gnomos, que preferem balançar o corpo ao ritmo dos coxares e sorrir muito. Uma cigarra tocará violino na porta da sua toca. Um cuco imitará oboés. A fada Oriana ficará escutando e vendo tudo, escondida entre as ramagens.

Quando o concerto findar, os anões seguirão em fila indiana para o bosque encantado que há ao pé da auto-estrada. O rapaz de bronze principiará a empalidecer, taciturno, enquanto se for fazendo transparente e, enfim, desaparecer sem um gesto. O escape livre de uma moto sacudirá o ar. Do outro lado do musgo do muro, um homem tossirá. E o jardim dos poetas-meninos voltará a ser cidade outra vez. ■

JARDIM BOTÂNICO

RUA DO CAMPO ALEGRE, ABERTO ENTRE AS 9H00 E AS 18H00, ENTRADA LIVRE

SUGESTÕES

CINEMA

"Guantanamo", de Tomaz Gutierrez e Carlos Taibo
16h00 e 21h24, na Casa das Artes

A segunda colaboração da dupla de realizadores cubanos que voltaram a pôr a ilha de Fidel Castro no mapa do cinema internacional, depois de "Morangos e Chocolate", passa hoje na Casa das Artes. O filme é de 1995 e narra uma viagem pela depauperada ilha, até Havana, transportando um cadáver que, considerou a crítica, poderá ser a metáfora de Cuba.

LEITURA

"O Rapaz de Bronze", de Sophia de Mello Breyner Andresen
Editada pela primeira vez em 1956, esta história infantil parece ter sido inspirada numa estatueta ainda existente no Jardim Botânico, imóvel que pertenceu aos Andresen. Existe uma edição relativamente recente, da Salamandra, ilustrada pelo pintor Júlio Resende.

PASSEIO

A visita ao Jardim Botânico pode bem servir de pretexto a um passeio mais largo pela zona, nomeadamente seguindo pela encosta (ainda) verde que ali começa e se prolonga pela Via Panorâmica até ao Palácio de Cristal. Seguindo, a pé, pela Travessa de Entrecampos é mesmo possível aceder ao tabuleiro da Ponte da Arrábida, a partir do qual a cidade ganha uma dimensão bem diferente da habitual.

Repórter no Rivoli

O palco do café-concerto do Rivoli recebe hoje a inquietude do Repórter Estrábico, que se prontifica a dar música e uma conferência de imprensa. É o Portugal visto à lupa de "Eurovisão".

Repórter Estrábico. Rivoli Teatro Municipal, no PORTO. Às 22h30.

HOJE

O jazz segundo Jacinta

Uma arte que produziu Ella Fitzgerald ou Billy Holiday é sempre pouco tolerante para quem vem atrás. Em Portugal, por exemplo, dois dedos de uma mão bastam para contar as cantoras de jazz, estando um por dever reservado a Jacinta, a mais jovem do escol e, talvez, a mais "jazzy" de todas as que deixaram registo. Impulsionada pelo programa televisivo "Chuva de Estrelas" e alicerçada por uma passagem pela Manhattan School of Music, em Nova Iorque, Jacinta empresta ao seu canto aquela combinação indispensável entre o poder intenso da voz e a expressão sentida das emoções, combinação sem a qual toda e qualquer manifestação inspirada na música negra se torna plástico.

Depois de em 1997 se ter mudado para Nova Iorque para frequentar a Manhattan School of Music, Jacinta aproveitou a bolsa de estudos para realizar um mestrado em jazz vocal, o que explica muito da sua qualidade. Isto a par do convívio musical com grandes nomes do jazz contemporâneo, bem como os estudos de improvisação com Chris Rosenberg, da banda de Ornette Coleman. A sua afirmação na cena jazzística internacional depressa lhe abriu as portas em Portugal, recebendo diversos prémios. O risco do artifício, do vazio ou do emplastro não constam dos seus concertos, o que logo (e amanhã) se poderá testemunhar no Salão d'Outro do Casino da Póvoa. Para ver, ouvir e guardar. ■

MÚSICA

Jacinta
PÓVOA DE VARZIM
Casino
Às 23h00
Bilhetes a 50 euros (inclui jantar)
www.casino-povoia.com

NELSON GARRIDO

NELSON GARRIDO



CRIANÇA A BORDO

Pode dizer-se que Ben era um miúdo com um conjunto de preferências e de alergias interessantes. Tinha a sorte de ter um piano à mão de semear, mas sempre protestou por ter de acertar o ritmo imposto por compositores mortos e enterrados. Claramente, preferia passar horas a fio em frente ao computador e inventar versões de temas de séries de televisão e de anúncios publicitários. Resultado: por que não usar as teclas pretas e brancas em proveito da humanidade? Um Commodore Amiga 500 – em tempos, o melhor amigo de um jovem criativo – era a invenção perfeita. Aos quilos de jogos, Ben Jacobs juntou um pequeno "upgrade" no valor de uma libra, peça de "software" que lhe permitiu explorar o mundo da composição electrónica. "Children At Play" foi a sua primeira criação. Sucesso? Nem por isso: Max Tundra tinha, segundo a crítica, demasiadas ideias. Nada mal para uma pessoa normal.

As canções de Max Tundra, que hoje à noite vai estar no Cinema Passos Manuel, são mornas e emotivas. Ponto final. As comparações não são evidentes, e nem pensar em plágios. "Se ouço um disco e gosto, fico ali sentado, fico com inveja e pergunto-me 'como é que fizeram isto?', ao mesmo tempo que digo 'eles fizeram, por isso não preciso de o fazer outra vez'", explica Tundra, que promete apresentar algo bem diferente do álbum de estreia, "Some Best Friend You Turned Out To Be". Ben (Tundra, whatever...) não vai adormecer, falar, beijar ou comer em palco. Está prometido. Quanto a cantar... Nada a fazer. Ganhou-lhe o gosto: "Cantar é divertido. Dou por mim a cantar e a assobiar muito e sempre". O "natural born musician" não está habituado a escrever, por isso as letras demoram séculos a surgir. Mas Ben sente-se orgulhoso quando as canta. Como uma criança, que descobre um novo brinquedo. ■
LUÍS OCTÁVIO COSTA

MÚSICA

Max Tundra
PORTO
Cinema Passos Manuel
Às 23h30
Bilhetes a 7,50 euros

HOJE

Mais Wong Kar-wai

A pretexto da estreia de "2046", o novo filme de Wong Kar-wai, o cinema Passos Manuel passa em revista a filmografia do realizador. Hoje é a vez de "Felizes Juntos", de 1997.

Ciclo Wong Kar-wai: "Felizes Juntos" Cinema Passos Manuel, no PORTO. As 19h15.

Muito peso, pouco brilho

É mais do mesmo. "O Novo Diário de Bridget Jones" insiste em repetir a fórmula do primeiro filme, com a evidente desvantagem de já não contar com o elemento surpresa. À partida para esta sequência, o espectador já está familiarizado com a espontaneidade da protagonista, com a sua tendência inata para gerar momentos embaraçosos e com a fatal insegurança que lhe atormenta os dias. Por outro lado, também já assistiu à grotesca transformação do corpo de Renée Zellweger que, a troco de 11 milhões de dólares, rompeu a promessa de não voltar a engordar 10 quilos para o papel. Posto isto, o que resta? Pouco, muito pouco mesmo.

Por muito que os produtores Jonathan Cavendish e Eric Fellner, a realizadora Beeban Kidron e os actores em geral repitam insistentemente que esta adaptação do segundo livro de Helen Fielding é mais que uma sequência, em quase duas horas de película não há um único rasgo de novidade. É verdade que Bridget se torna mais cosmopolita e faz as malas rumo à Áustria e à Tailândia, é igualmente verdade que surge com uma aura profissional renovada e que até se torna alvo de uma paixão inesperada; mas estas derivações não mexem um milímetro que seja na matriz que a primeira obra havia espremido até à última gota. Afinal de contas, o noivo da protagonista, Mark Darcy (Colin Firth), mantém a postura "low-profile" do homem de sucesso carregado de humildade, enquanto Daniel Cleaver (Hugh Grant) continua preso às suas obsessões sexuais. Mas o "déjà vu" atinge o expoente máximo com o duelo forçado entre ambos – pela honra de Bridget, naturalmente – no interior de uma fonte pública.

Como comédia que é, "O Novo Diário de Bridget Jones" poderia e deveria compensar a falta de inovação com o acerto nos momentos de humor. Acontece que é exactamente neste ponto crucial que o filme falha mais redondamente. As declarações de amor inusitadas são previsíveis, a inabilidade de Bridget na estância de esqui adivinha-se a léguas e os diálogos provam ser completamente vazios. Salva-se um ou outro apontamento musical na prisão tailandesa, o semi-romance com Daniel Cleaver na varanda do quarto de hotel e o movimento de câmara que sucede ao primeiro desentendimento com

Darcy – Beeban Kidron dá-nos uma fluida e interessante perspectiva aérea das relações a dois no interior dos diferentes blocos de apartamentos anexos à casa de Bridget. Em tudo o resto, o filme adopta a pose da protagonista em matéria sentimental, pessoal e profissional: move-se sempre no limite do desastre.

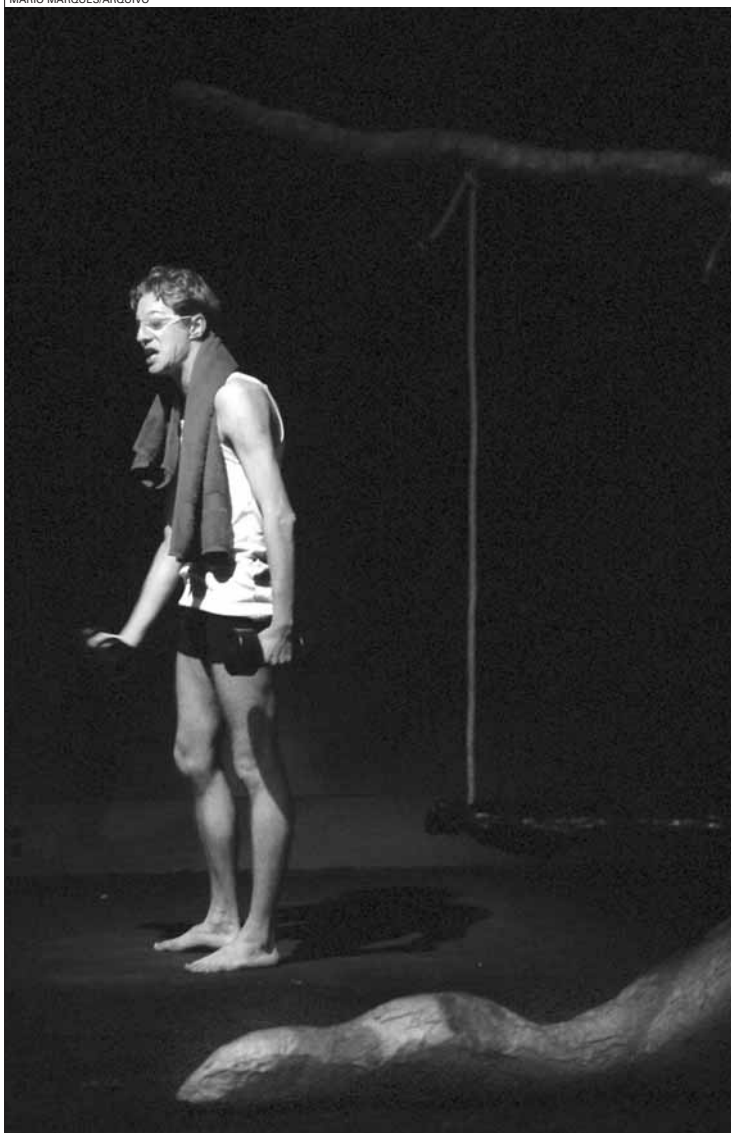
■ NUNO SOUSA

CINEMA

"O novo diário de Bridget Jones", de Beeban Kidron (ver roteiro)

Pela Europa fora

MÁRIO MARQUES/ARQUIVO



É o segundo capítulo do "rewind" "Visões Úteis, 1.ª década": dez anos passados sobre a fundação da companhia e três anos passados sobre a estreia de "Orla do Bosque", é altura para voltar a percorrer 10 mil quilómetros de Europa e rever o resultado daquela que foi possivelmente a primeira experiência portuguesa de teatro "on the road". Não caiu assim do céu: este é o ano em que o Visões Úteis faz dez anos, e este é o mês que a companhia escolheu para fazer

um balanço de uma década de teatro e para convocar o público a assistir aos três espectáculos mais emblemáticos do trabalho da companhia, aqueles que permitem que se fale, hoje, de uma dramaturgia Visões Úteis. Concluída a reposição de "Seis Gaivotas", a companhia instala-se hoje e amanhã no grande auditório do Rivoli para rebobinar até 2001.

Terceira e última parte do projecto "Visões Úteis na Estrada através da Orla do Bosque", o espectáculo "Orla do Bosque" é a síntese possível da reflexão que a companhia portuguesa dedicou a cinco questões-chave: a Fronteira, o Outro, a Viagem, o Herói e a Europa. Dividida em três episódios, a proposta que manteve o colectivo Visões Úteis ocupado ao longo de todo o ano de 2001 passou por "Estudos", uma peça-esboço em que os cinco temas foram sujeitos a um primeiro olhar, e por uma via-

TEATRO

Ciclo "Visões Úteis 1.ª Década": "Orla do Bosque", pelas Visões Úteis. Concepção, direcção e dramaturgia de Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

PORTO
Rivoli Teatro Municipal – grande auditório
Hoje e amanhã, às 21h30
Bilhetes entre cinco e dez euros

gem pela Europa fora que permitiu a sete elementos da companhia sucessivas escalas e outros tantos encontros com figuras "inspiradoras" da cultura europeia, como o realizador grego Theo Angelopoulos, o arquitecto alemão Daniel Libeskind, a deputada italiana Emma Bonino, o dramaturgo britânico Gregory Motton, e o português Vasco Graça Moura. O que sobrou desses encontros, e dessa viagem iniciática pela Europa fora, foi suficientemente importante para os actores do Visões Úteis – suficientemente importante para os fazer escrever este texto que é também o ponto de situação de uma geração. Talvez alguns de nós estejam lá, em palco. ■ INÊS NADAIS



HOJE

Cachupa no MIT

A 7ª Mostra Internacional de Teatro - MIT Valongo 2004 termina hoje com a apresentação do espectáculo "Aux Pieds de la Lettre", da companhia francesa Dos à Deux (21h45), e uma festa de encerramento a cargo do Grupo de Teatro do Centro Cultural Português de Mindelo, Cabo Verde (23h00). Cachupa, portanto.

MIT Valongo 2004
7ª Mostra Internacional de Teatro.
Fórum Cultural de ERMESINDE.
A partir das 21h45.



PAULO RICCA

Mário Soares, Miguel Veiga, Diogo Freitas do Amaral e o romancista Urbano Tavares Rodrigues, aceitando o desafio que lhes foi proposto pelo editor português José da Cruz Santos, organizaram antologias com os poemas que mais os marcaram ao longo das respectivas vidas. Os quatro livros, que assinalam o arranque da colecção "Os Poemas da Minha Vida", são hoje lançados no Porto, na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, com a participação dos antologiadores, cujas obras serão apresentadas pela ensaísta e deputada socialista Isabel Pires de Lima. O jornalista e "diseur" Alberto Serra lerá alguns poemas de cada uma das compilações.

Os poemas da vida deles

LANÇAMENTO

"Os Poemas da Minha Vida"
PORTO
Biblioteca Municipal Almeida Garrett
Às 18h00
Entrada gratuita

que as restantes e é a única que só inclui poemas portugueses. Em rigor, trata-se uma de uma verdadeira antologia da poesia portuguesa, abrindo com o cancionário medieval e terminando nos poetas contemporâneos.

Se os restantes três antologiadores escolheram, todos eles, alguns versos estrangeiros, a par dos poemas portugueses, a escolha de Freitas do Amaral tem ainda a particularidade de o revelar como tradutor e co-tradutor de poesia latina, italiana e alemã. ■

Remix Ensemble Drumming

É uma equação invulgar: os músicos do Remix Ensemble mais os percussionistas do Drumming - Grupo de Percussão de Miquel Bernat, e tudo isto elevado à potência de Stefan Asbury, naquele que será o seu concerto de despedida como maestro titular daquela estrutura residente da Casa da Música. É mais ou menos este o programa do concerto que terá lugar mais logo, no grande auditório do Europarque. Mas há mais factores envolvidos nesta operação: David Wilson-Johnson, um dos mais singulares barítonos britânicos da actualidade, e o pianista Jonathan Ayerst são os solistas convidados a interpretar um programa de que constam obras de Mark-Anthony Turnage, Olivier Messiaen e George Benjamin.

Entre o imaginário da perda e da guerra convocado por Turnage em "The Torn Fields", a obra que encerra a primeira parte do programa, e o universo quase onomatopaico de "Oiseaux Exotiques", de Messiaen, o concerto de hoje fará ainda escala nas peças "Estudio Métrico", de José Manuel López-López, "Set for Theatre Orchestra", de Charles Ives, e "Three Orchestras", de George Benjamin. Mas, mais do que o repertório, está em causa um formato inédito que aproveita as sinergias criadas entre duas estruturas vocacionadas para a música contemporânea. Um formato que, de resto, não deve repetir-se tão cedo, pelo menos na companhia de Stefan Asbury. ■ I.N.

MÚSICA

Remix Ensemble & Drumming
- Grupo de Percussão
SANTA MARIA DA FEIRA
Europarque
Às 22h00
Bilhetes a cinco euros



SERGIO AZENHA/ARQUIVO

DUPLAIX O TENOR

Este currículo deixa mesmo margem para dúvidas: aos dez anos entrou para um coro em Philadelphia - tipo Santo Amaro de Oeiras só para rapazes -, exibiu-se "a capella" para o príncipe Carlos em pleno Windsor Castle, participou num concerto do "monstro" Pavarotti e colaborou com a voz R&B de Teddy Pendergrass. "Nunca serei a Whitney Houston", diz Vikter Duplaix. Será que quer? Vikter, que hoje fará as honras da casa Trintaem, é mais Sade no álbum "Love Deluxe". "Mas visto através de olhos hip-hop".

Ou seja: "whatever". O importante é o recheio, a interação do trintão - 31, no caso - com a sua própria voz, um "instrumento" que o performer encaixa um pouco por todo "International Affairs", o seu primeiro trabalho a solo (é cantor, produtor e tenor), e que apenas abandona enquanto rodopiador de pratos. O aspirante a DJ contactou os heróis locais (Will "Fresh Prince" Smith, "Jazzy" Jeff Townes), saiu-se bem, fez "bom dinheiro", trabalhou com "grandes artistas". "Mas não me satisfazia". Cansado de mostrar as suas ideias através do trabalho dos outros, gravou "International Affairs" e revela o seu segredo. "Sou um pensador. Quero isso representado na minha música". ■ LUIS OCTÁVIO COSTA

MÚSICA

Vikter Duplaix
PORTO
Trintaem
A partir das 23h00
Consumo obrigatório

HOJE

Teatro da vida real

Adolescentes, um liceu de periferia, uma peça de Marivaux. Estes são os ingredientes para "A Esquiva", filme de Abdellatif Kechiche. Uma boa oportunidade para ser apresentado a Osman Elkharraz, Sara Forestier, Sabrina Ouazani e Nanou Benahmou.

"A Esquiva", de Abdellatif Kechiche.
Cine-estúdio do Teatro do Campo Alegre, no PORTO. Sessões às 18h30. Até dia 15.



DR

UM FESTIVAL CONTRA A "UNICULTURA"

O festival "Etnias", dedicado às músicas do mundo, arranca hoje no Porto para a sua segunda edição, mais uma vez sob os auspícios da Aca-ro (Associação Cultural de Artes Organizadas) e tendo como quartel-general o espaço Contagiarte. O primeiro serão deste evento baseado nos sons de diferentes latitudes contará com a participação dos grupos Rootscaravan e Kulirimar. A "fusão étnica" é o conceito que alegadamente inspira os Rootscaravan, que pretendem através da música "quebrar as barreiras" daquilo que designam por "unicultura"; recorrendo igualmente a ritmos urbanos como o "funk" e o "drum'n'bass", o grupo procura chamar a atenção do público para os problemas da sociedade e do ambiente. Já os Kulirimar têm a África como principal fonte de inspiração, assumindo-a alegadamente não como um "fim", mas como um "princípio", estratégia adequada a desafiar os limites do mundo convencional. Com as vozes de Maria João e Nelson, o grupo desdobra uma paleta sonora constituída por baixo, guitarra, "balafon" (um instrumento aparentado com o xilofone), "djambé", congas e outras percussões. ■N.C.

MÚSICA

The Rasmus
V.N. GAIA
Hard Club
Às 21h00
Bilhetes a 20 euros

Palco de liceu

The Rasmus

O primeiro "highlight" da banda remete para um Inverno rigoroso, em Dezembro de 1994, para um palco de liceu em Helsínquia. Os últimos falam de discos de ouro e de platina, de vários Grammy na Finlândia e de muitos seguidores de uma das mais respeitadas bandas daquele país. The Rasmus, uma espécie de banda de suporte dos Him - já desempenharam esse papel - vão estar hoje no Hard Club, em Vila Nova de Gaia.

"Éramos apenas miúdos no recreio", recordam hoje em dia Lauri, Aki, Pauli e Eero, quarteto que foi Sputnik e Antila antes da designação Rasmus (ainda revista e aumentada para The Rasmus), uma derivação da palavra "trashmosh" e que ainda hoje ajuda a identificar a energia do agrupamento. "Ainda somos uma grande equipa", confirma Lauri, responsável pelas músicas, uma espécie de diário de bordo dos The Rasmus - "In the Shadows" é o resumo dos últimos sucessos. A banda costuma dizer que, na Finlândia, pode sempre contar com "pelo menos quatro pessoas em cada concerto": "Rondam os 20 anos e deslocam-se de carro". Mas é cada vez mais sério o apoio dos países vizinhos e o reconhecimento internacional. Aqueceram os concertos de Rancid, Red Hot Chili Peppers, Garbage e Roxette, mas também conquistaram o seu próprio palco. ■

MÚSICA

II Festival de Música do Mundo Etnias
Com Rootscaravan e Kulirimar
PORTO
Espaço Contagiarte
22h45/00h30

HOJE

"Pólo-Pólo" à lupa

"Pólo-Pólo", a nova criação do Teatro de Ferro que ontem se estreou no Festival Internacional de Marionetas do Porto, é o assunto do dia nas Conversas da Plateia. Além da equipa do Teatro de Ferro e do encenador Igor Gandra, estará presente para falar do esquimó Pochquente e do Avô Abominável das Neves a autora do texto, Regina Guimarães.

Conversas da Plateia: "Pólo-Pólo", de Regina Guimarães.
Pelo Teatro de Ferro.
Fórum Fnac de Santa Catarina, no PORTO.
Às 18h00. Entrada gratuita.

É tão frio e distante o Natal de Zemeckis!

FOTOS DR



CINEMA

"Polar Express"
de Robert Zemeckis
(ver roteiro)

Já descobriu o significado do Natal, para lá da febre consumista e do aparato material? Se a resposta foi negativa, não desanime. Em jeito de consolação, pode sempre juntar-se ao clube encabeçado pelo realizador Robert Zemeckis, autor de um dos mais gélidos filmes natalícios da história do cinema. "Polar Express" é visual e emocionalmente frio, demasiado artificial na forma e no conteúdo, apesar (ou talvez mesmo devido) ao arrojo tecnológico que respira em todos e cada um dos seus póros. O espectador que desconheça toda a mecânica de produção da obra está condenado a abandonar a sala com uma sensação de vazio interior e com os bolsos cheios de lugares-comuns.

Mas vamos por partes. É conhecido o fascínio de Zemeckis, primeiro, pelo último grito da tecnologia – basta lembrar as sobreposições históricas em "Forest Gump" –, segundo, pelo trabalho de Tom Hanks, seu braço direito em "Polar Express" e assumido "actor-fetichista". Vai daí, terá pensado o cineasta, nada melhor do que juntar no mesmo prato da balança ambos os ingredientes – juntamente com um orçamento de 170 milhões de dólares – e lançar no mercado um produto que é mais um objecto de auto-regozijo do que propriamente uma fábula de Natal. É por isso mesmo que é difícil encarrar o filme para além da maquilhagem 3D e das dezenas de receptores de infravermelhos que ocuparam o "plateau" durante a rotação do filme. Para quem

ainda não sabe, cumpre esclarecer que "Polar Express" foi construído a partir de uma técnica inovadora designada por "performance capture", que dispensa cenários, guarda-roupa ou quaisquer adereços, captando e digitalizando todos os movimentos dos actores em estúdio e importando-os de seguida para um computador, onde são posteriormente processadas as indumentárias e as ambiências.

Só assim foi possível conferir às expressões faciais do maquinista os contornos do rosto de Tom Hanks, só assim foi possível fazer com que Hanks interpretasse cinco papéis na mesma obra. Feita a ressalva tecnológica, impõe-se perguntar: o que sobra? Onde estão a magia e o brilho obrigatórios num "poema" visual de tributo ao Natal? É verdade que se presta homenagem a sentimentos tão nobres como a bondade e o altruísmo e se relê o manual do politicamente correcto, mas a nota é tão forçada e estereotipada que o que deveria ser fluido e natural chega a incomodar. Definitivamente, não é esta a essência de um filme de cariz natalício.

Com tudo isto, está ainda por levantar a ponta do véu sobre a história. Aqui fica, então, para a posteridade: é o relato animado de uma criança que não acreditava no Pai Natal até embarcar num comboio que o transporta ao Pólo Norte, ao epicentro do acontecimento, onde vai encontrar um menino pobre, uma menina negra, um Pai Natal rústico, uma fábrica de brinquedos industrial e uma mão-cheia de outras razões que despertariam mais a descrença no fenómeno do que a convicção induzida. Talvez esteja na altura de Robert Zemeckis voltar a mergulhar no baú das recordações, em busca de memórias mais aconchegantes. ■ NUNO SOUSA

HOJE

Queima este Natal. Acompanha o crepitar da lareira lá da casa da infância. Da aldeia que repescamos da memória. Queimam as frases self-service plenas de sentido, os desejos refêns da velocidade quotidiana, o sorriso sujo do homem da esquina. E fugimos da chama, ali na fila da loja da rua. Corremos a desbravar caminho na voragem consumista embalada pela melodia costumeira. Fugimos, velozmente, do dente envergonhado do avô e da mansarda dos outros dias. Escapamos, com o desembolsar recorrente do cartão de crédito, da mão indefinida que mergulha pelos tendões da fantasia. Esquecida. Adiada. Consume este remoinho de alienação colectiva que tantos afaga. E enternece, ao mesmo tempo, este Natal pintado de contrastes. De viagens esquecidas e sorrisos magnéticos.

É dúbio este fado feroz colocado na agenda dos dias andados. Arde e amansa, como a pele desejada da amante esquiva. Como o olhar fundo em que nos queremos rever. Como o sorriso em que caímos, por fim, absorvidos pela materna doçura do calendário. E, assim, consentidamente deixamos arder os presentes que não trouxemos do shopping. ■ NUNO AMARAL

é Natal

Sempre me irritou a felicidade imposta pelo calendário. E confesso que, assim que a agenda ameaça a aproximação da última semana de Dezembro, trato de disfarçar a angústia miudinha que me corrói o estômago e de aguentar estoicamente quando me atiram com o espírito natalício à cara.

Não é que algo me mova contra o simbolismo da coisa, mas, pela parte que me toca, passo bem sem o afã excursionista para os centros comerciais, os atropelos sófregos nas lojas, as lâmpadas nas árvores, os embrulhos e os laçarotes que acabam, impreterivelmente, por morrer no caixote do lixo lá de casa.

Mas isso também é porque gosto de pensar que nem sempre é fundamental cumprir a lei, comer e dormir a horas certas, trabalhar e descontar, jogar na sorte e torcer pelo azar dos outros.

Por isso – desculpem-me aqueles a quem gosto de amar longe da pressão do calendário – , vou aproveitar o Natal para espetar os pés na lareira da minha aldeia e fechar os olhos com os livros atrás a arder para toda a eternidade, como diz o Herberto Helder, num poema que um amigo me emprestou. ■ NATÁLIA FARIA

Bilal na tela

O Cinema Passos Manuel recupera "Imortal", de Enki Bilal. Depois da trilogia Nikopol ("La Femme Piège", "La Foire aux Immortels" e "Froid Équateur"), Bilal transporta os seus dilemas do papel para a tela.

"Imortal", de Enki Bilal. Cinema Passos Manuel, no PORTO. Hoje e depois de amanhã (19h15h). Bilhetes a quatro euros



Uma desgraça nunca vem só

Para quem nunca ouviu falar de Lemony Snicket, cumpre esclarecer que é o pseudónimo do escritor Daniel Handler, uma espécie de J.K. Rowling, versão nova-iorquina. Para quem nunca ouviu falar dos órfãos Baudelaire e do pernicioso conde Olaf, digamos que são dignos sucessores da saga Harry Potter. De tal forma, que os 11 títulos já publicados sobre as agitadas vidas dos protagonistas já ultrapassaram os 50 milhões de vendas em todo o mundo. Atento a esta nova vaga do imaginário infanto-juvenil, o cineasta Brad Silberling reuniu os três primeiros livros e arriscou uma adaptação ao grande ecrã. O resultado é encorajador.

Violet, uma adolescente com aptidão para engenhos e invenções, e os irmãos Klaus, um devorador de livros dono de uma memória prodigiosa, e Sunny, um bebé com um maxilar prodigioso, ficam entregues à sua sorte quando os pais sucumbem a um terrível incêndio. Está, assim, aberta a porta para a entrada em cena do conde Olaf, novo tutor das crianças cujo único interesse reside na fortuna deixada pela morte dos progenitores. A partir desta premissa, desencadeia-se o conflito entre as partes, transformado amiúde em luta pela sobrevivência. Pelo caminho, há espaço para entrarmos num universo onírico, povoado por serpentes gigantes, sanguessugas, casas que mal se equilibram no topo de um desfiladeiro, personagens ensombrados por fobias crónicas, ruas despidas de luz, sons ininteligíveis.

"Lemony Snicket's: uma série de desgraças" é um filme que assimila na perfeição a essência do cinema fantástico. Vestido de cenários de tirar o fôlego, abrilhantado pela notável direcção de fotografia de Emmanuel Lubezki (responsável pelo cromatismo de filmes como "Sleepy Hollow", "E a Tua Mãe também" ou "Ali"), impregnado de personagens sinistras, o filme enrola uma meada de episódios isolados num novelo coerente, de especial criatividade plástica. A "mise-en-scène" de Brad Silberling respira dinamismo, com a câmara em constante movimento e uma profusão de planos fortemente envolvente (as sequências da destruição da casa da tia Josephine ou do carro atravessado no meio da linha de comboio são elucidativas), o que acaba por compensar o forçar dos elos de ligação entre as três histórias.

Não houvesse tantos motivos de interesse e o elenco do filme, por si só, poderia certamente funcionar como chamariz. O triplo papel de Jim Carrey na pele do conde Olaf traz ao de cima toda a sua expressividade corporal, o que lhe garante especial protagonismo, só comparável com a personagem obsessiva e paranóica incarnada por Meryl Streep. Dustin Hoffman, Timothy Spall e Billy Connolly assinalam mais discretamente a sua presença, num filme que conta ainda com a voz de Jude Law (o narrador, autor, escritor escondido na sombra).

Um último conselho: não abandonem a sala antes da exibição do genérico final, sob pena de perderem uma sugestiva sequência de animação em jeito de resumo. São só mais cinco minutos de aventura para além da fantasia de carne e osso. E podem muito bem vir a achar que valeu a pena. ■ NUNO SOUSA

CINEMA

"Lemony Snicket's: uma série de desgraças", de Brad Silberling
Com Jim Carrey, Meryl Streep e Jude Law
(ver roteiro)

HOJE